

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO



UNILA

Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

O PIBID INTERDISCIPLINAR NA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO DO CAMPO, CULTURA ESCOLAR E MEIO AMBIENTE: UM DIÁLOGO COM A ANTROPOLOGIA

Bruna Simeone¹
Jaqueline Dudek²
Renata da Conceição Domingues³
Rodrigo Evaristo Prestes⁴

Resumo: O presente ensaio faz parte das reflexões desenvolvidas durante as atividades desenvolvidas pelo grupo de acadêmicos de História da Unicentro/PR que participam do subprojeto interdisciplinar do PIBID. Aqui, procurou-se fazer uma discussão inicial acerca dos conceitos de cultura e de educação do campo e suas especificidades em um contexto antropológico. Abordaremos aspectos de como as interações culturais se realizam dentro da sociedade e das escolas do campo, e as implicações das relações socioculturais no processo educativo como um todo, em especial nos currículos. O texto está disposto da seguinte forma: em um primeiro momento apresentaremos nosso problema, qual seja a conceituação antropológica de cultura, em especial a cultura escolar do campo. Em um segundo momento, será realizada uma discussão acerca do papel da escola e do educador, levando em consideração temáticas relacionadas à cultura campesina, como educação ambiental. O arcabouço teórico se dá no contexto da diversidade cultural encontrado nas escolas do campo, bem como na relação urbano-rural e suas particularidades.

Palavras-chave: Escola do Campo. Cultura Escolar. Educação Ambiental. Diversidade Cultural

1770

Introdução:

Nas últimas décadas, a partir principalmente da influência dos Movimentos Sociais do Campo, tem-se discutido os direitos dos sujeitos do campo, e um deles é o acesso à educação de qualidade, de forma que se valorize sua identidade, o meio em que vivem, sua cultura e todos os seus interesses. Por se tratar de um povo que mora e trabalha no campo são necessárias propostas educacionais que valorizem a sua cultura e o seu modo de vida de uma forma específica, com as suas particularidades. Contudo, as políticas de educação do campo no Brasil, segundo autores (as) como Clarice Aparecida dos Santos (2012) precisam debater essas “especificidades”, pois o campo vem sendo pressionado adequar-se para atender as demandas da diversidade cultural, cada vez mais universais e homogeneizadoras, segundo ela, a educação no campo não pode ser “aquela que absolutiza os particularismos”, mas, sim, na qual “o particular entre para o universal e assim sendo, o universal torne-se mais universal” (SANTOS, 2012, p.35). Nesse sentido, formula-se o debate da *endoculturação*, onde características “urbanas” são adquiridas nas comunidades rurais e vice-versa; nesse processo

¹ Bolsista do PIBID Interdisciplinar da Unicentro, acadêmica de História. Email: brunasimeoni2@gmail.com

² Bolsista do PIBID Interdisciplinar da Unicentro, acadêmica de História. Email: jaqueline_dudek@hotmail.com

³ Bolsista do PIBID Interdisciplinar da Unicentro, acadêmica de História. Email: domingues_reatinha@yahoo.com.br

⁴ Bolsista do PIBID Interdisciplinar da Unicentro, acadêmico de História. Pedagogo, Mestrando em Educação. Email: rodrigoevaristoprestes@hotmail.com

de “hibridismo cultural”, que ocorre também nas escolas, onde o rural se mistura com o urbano, temáticas, como educação ambiental, se apresentam como um dos conteúdos mais relevantes a serem discutidos, mas que nem sempre são incorporados nos currículos escolares.

Desenvolvimento:

De acordo com diversos pesquisadores e antropólogos, o que difere o ser humano tanto dos demais animais, quanto dos outros seres humanos, é que o homem é o único que possui cultura. Conceituamos cultura como sistemas de símbolos e significados elaborados e situados sócio historicamente, transmitidos e aprendidos de gerações para gerações, que procuram controlar as manifestações empíricas, enfim, os comportamentos de determinado grupo. Nesse sentido, sua plasticidade e a capacidade de aprender foram decisivas para a perpetuação da espécie humana, pois, dessa forma, mesmo com um aparato biológico relativamente frágil, o homem conseguiu superar as adversidades ambientais, por meio da construção de instrumentos que o auxiliaram nessa tarefa e da contínua transmissão e reelaboração desse conhecimento, denominada *endoculturação*.

Como escreveu Ruth Benedict, “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”, para explicar como a cultura condiciona a visão de mundo do homem, seus hábitos tais como modos de agir, de vestir, alimentação, apreciações de orem moral e valorativa, etc. BENEDICT (2006). Visão essa que por ser tão desigual, construída ao longo do tempo, de acordo com as vivências de cada etnia, enfim de cada grupo social, por diversas vezes desencadeou conflitos sociais. Nesse sentido, Roque de Barros Laraia afirma que o etnocentrismo coloca-se como um fenômeno universal, onde “cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra”, resultando por diversas vezes em casos extremos de xenofobia e barbárie social (LARAIA, 2008). O costume de estranhar o que é diferente encontra-se inclusive entre indivíduos pertencentes a um mesmo grupo, uma vez que, como afirma Laraia, a participação de indivíduos em sua própria cultura por vezes é limitada.

Podemos considerar como principal exemplo de limitação e “estranhamento” intracultural a questão do gênero, onde na grande maioria das sociedades humanas é permitida uma maior participação na vida cultural de pessoas do gênero masculino. Assim, para que essas relações de estranhamento que podem gerar conflitos dentro de determinada sociedade, é necessário que cada indivíduo tenha um conhecimento mínimo para que se tenha uma convivência dentro dos padrões de comportamento preestabelecidos em um contexto cada vez mais globalizado.

A “cultura rural”, devido a um processo irreversível de globalização e de uma contínua “mesclagem cultural”, possui cada vez mais singularidades gerais, contudo o que mais a define ainda são suas características específicas, próprias do campo, que se voltam às pessoas e famílias que vivem neste local, e que encaram as dificuldades ao seu redor, principalmente no que tange aos aspectos educacionais. Partindo desta realidade compreendemos que o sujeito do campo, deve antes de tudo, ser o principal componente na construção do currículo para a escola do e no campo, e que esse deve

contemplar conteúdos referentes ao seu meio, em especial à educação ambiental, tema esse importantíssimo para o sujeito do campo. O campo é considerado por FERNANDES apud SANTOS, 2007, p.83 como:

[...] lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar de produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e de grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombos. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas [...] é o lugar de vida e sobretudo de educação. (FERNANDES apud SANTOS, 2007, p.83)

Nesse contexto de diversidade social, entende-se como cultura rural todo tipo de manifestação e herança social, tudo aquilo que o homem do campo produz (de forma material e imaterial) é cultura, a cultura nada mais é do que o resultado de uma tríplice relação: ela é produzida na relação do homem com os outros homens, na relação do homem e dos outros homens com a natureza e a transformação e apropriação dela, nessa tríplice relação se dá a cultura humana (rural ou urbana).

Nesse sentido, a cultura escolar das escolas de educação do campo, na teoria, busca (ou ao menos deveria buscar) um desenvolvimento sociocultural e econômico que atenda as diferenças históricas e culturais das pessoas que moram no campo, para resgatar o significado histórico do homem camponês que ainda é visto, por alguns, como atrasado e incapaz. Caldart (2004, p.149) afirma que: “o povo tem direito de ser educado no lugar onde vive; o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e sua participação, vinculada à sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais.” (CALDART *apud* SILVA, 2009, p.32). Para a autora a Educação do Campo e o Campo devem ser vistos como um lugar de desenvolvimento e não de atraso, a educação no campo deve caminhar para que realizem processos educacionais que deem mais desenvolvimento ao campo, pois somente assim o povo continuará morando lá.

Contudo, na prática, o que observamos principalmente com a experiência no PIBID interdisciplinar da Unicentro/PR, em uma escola do campo, é que essas instituições estão cada vez mais “urbanizadas”. Constatamos nesse subprojeto do PIBID, além da necessidade de educadores competentes para atuarem nas escolas do campo, educadores que tenham conhecimento da realidade da escola e dos educandos que a frequentam, a falta de práticas pedagógicas efetivas e condizentes com a realidade rural. Temos visto que muitos dos educadores que atuam nessas escolas, não têm formação específica que lhes permitam realizar um trabalho efetivo na perspectiva da proposta de educação do campo que valorize suas particularidades.

Em relação à “cultura rural” em especial, observamos no Projeto Político Pedagógico da escola a falta de conteúdos relacionados à educação ambiental, o que para uma escola do campo, é um fato grave, pois em uma comunidade rural, por razões óbvias, existe uma relação intrínseca entre as pessoas, o meio ambiente, o campo e a natureza, então necessariamente o PPP e o currículo dessa escola deveria contemplar esse tema. Contudo, pelo recorte delimitador deste trabalho, não será

possível aprofundarmos os conceitos de educação ambiental, portanto apenas lançaremos as bases desses estudos, para no futuro realizarmos uma pesquisa mais concisa sobre essa temática.

Conclusão:

Nas escolas de educação do campo na atualidade é notório o “hibridismo cultural” que ocorre, a diversidade social tanto de professores como de alunos e o avanço tecnológico e as novas relações sociais são a causa desse processo. A maioria dos educadores tem uma formação *urbanocêntrica* a qual não contempla as especificidades da escola do campo, assim, as práticas pedagógicas dentro da escola vão se descaracterizando enquanto rurais, sendo “aculturadas” por valores e costumes urbanos, é quase como a cidade “engolindo” o campo. Contudo, algumas especificidades persistem e a diversidade cultural se encontra ainda viva dentro das escolas do campo. Geralmente os alunos das Escolas do Campo são filhos dos agricultores que moram na região, sendo que a maioria ajuda seus pais na lavoura, com isso acabam levando uma grande bagagem para a sala de aula. Para que a educação ofertada a esses alunos seja proveitosa o professor convive com o desafio de fazer uma prática pedagógica que atenda a essas demandas. As Escolas do Campo devem estar preparadas para atender toda a sua população em todos os níveis e modalidades de ensino. Nós educadores em formação que participamos do PIBID, necessariamente precisamos compreender as interações culturais que se realizam dentro da comunidade escolar, e as implicações das relações socioculturais no processo ensino aprendizagem, principalmente nesse contexto social globalizado econômica e culturalmente onde o campo e a cidade se “misturam”.

1773

Para isso, os agentes educacionais precisam elaborar na escola um PPP e um currículo de qualidade, o qual contemple os conteúdos específicos (como educação ambiental e práticas rurais) e, também, proporcione um atendimento igualitário (mas também diferenciado para quem precise) aos alunos, independentemente de sua condição social e econômica, bem como seu pertencer étnico e cultural. Pois o objetivo principal da educação é formar um ser humano que seja um cidadão emancipado nessa nova sociedade globalizada culturalmente. Nesse contexto, consideramos que a aprendizagem só se dará de forma emancipatória na escola, se for concebida de forma democrática e multicultural não só no seu currículo, mas também nas relações do dia a dia escolar, sempre respeitando a diversidade ambiental e sociocultural e as diferentes realidades socioeconômicas de todos, cabendo a aos professores, o papel de mediadores desse processo de construção da sociedade que a escola se propõe a fazer.

Referências Bibliográficas:

BENECT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Editora Livros do Brasil, 2006.

CALDART, Roseli Saete. “**Elementos para a Construção do Projeto Político Pedagógico da Educação do Campo.**” IN: JESUS, S. M. S. A. de; MOLINA, M. C. (orgs.) *Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo*: Brasília/DF: Universidade de Brasília, 2004, p. 13 – 52. **Coleção Por uma Educação do Campo.**

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.** Editora Cortês, São Paulo, 2004.

FERNADES, Florestan. **Arevolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 22^a. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

SANTOS, Clarice. Ap^a. **Educação no campo e políticas públicas no Brasil: O protagonismo dos movimentos sociais do campo na Instituição de políticas públicas e a licenciatura de educação no campo da UNB**; Brasília, Líber Livro, Faculdade de Educação da UNB, 2012

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação do campo: propostas e práticas pedagógicas do MST.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

1774